

DA NECESSIDADE DO ENSINO- APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS NOS COLÉGIOS PARTICULARES CHINESES*

Paulo Ferreira **

«Uma aula que degenera para um monólogo fastidioso é uma aula falhada», escreve Hélène Gautier numa obra publicada em 1974. Pesem embora todos os anos que nos separam de tal afirmação, não deixámos, nos dias de hoje, de ter sentido que isso se estava a passar connosco, no desenrolar da nossa actividade de docência, num colégio particular chinês. Tentámos então compreender as razões que nos faziam viver este problema no quotidiano e senti-lo tão profundamente quanto o sentimos.

A nossa comunicação apoia-se parcialmente num inquérito realizado junto dos nossos alunos e na nossa experiência enquanto docente de Português como Língua Estrangeira, num colégio particular chinês. A esta exposição não são também alheias todas as opiniões que os nossos colegas de profissão nos foram fornecendo, ao longo destes dois anos de permanência no território de Macau, relativas ao mesmo assunto. A comunicação não deixa, no entanto, de ser um acto individual, com pensamentos e expressões muito pessoais e das quais assumimos a responsabilidade por completo. O Colégio Particular Chinês, enquanto instituição, representa um microcosmos da sociedade chinesa. Nele estão figurados os estratos hierárquicos, as relações sociais e a competição que estimula o crescimento e o desenvolvimento humano. Mas funciona também como uma unidade que encerra em si uma realidade física e cultural muito própria. A cada colégio cabe determinar as suas opções de carácter religioso e filosófico e a forma como organiza o seu

* Comunicação apresentada no «Seminário Internacional das línguas faladas em Macau: evolução no período de transição», organizado pela Associação de Ciências Sociais de Macau, entre 28 e 31 de Março de 1992.

** Professor de Português no C.D.L.P..

calendário de actividades com raízes na cultura chinesa ou em outras. É, por estes motivos, uma *Unidade*, poderíamos afirmar mesmo uma *Matriz/Mãe*, aliás, um *Pai* (atendendo à tradicional maior importância atribuída à figura paterna) que fez crescer os filhos à sua medida.

Dos contactos desta *Unidade Familiar* com a comunidade onde se insere, poderemos dizer que revestem múltiplos aspectos, sendo que os mais importantes se baseiam na competitividade expressa em *campeonatos* desportivos ou culturais, cujos trofeus se expõem, orgulhosamente, à entrada de qualquer destas instituições que se preze, ou se vão espalhando por infinitos e intrincados corredores, a par com painéis fotográficos, onde se exibem daguerreotipos coloridos dos tutorados lado a lado do mentor da política privada do colégio, prefigurado na figura máxima do seu director. Outro aspecto muito importante é o das relações com os encarregados de educação. Estes são informados com a periodicidade que o colégio determina, do aproveitamento e comportamento dos seus educandos, mantendo uma certa ansiedade relativamente a uma possível falha, na *performance escolar* destes, que, no caso de não ser adequada aos níveis de exigência da escola, implicará a sua imediata exclusão da instituição. Devido à imensa carência de estabelecimentos, este facto é muito importante no relacionamento da comunidade com o colégio e faz deste uma figura com um real poder.

Saliente-se, aliás, muito a propósito, o papel importante dos colégios particulares enquanto fornecedores de uma formação que a Administração do Território, através das escolas oficiais e públicas, não possui capacidade logística para fornecer.

A escola como espaço físico (referimo-nos especificamente àquela onde trabalhamos, não deixando de saber que outras há que, mais recentes, se organizam de uma forma diferente e muitas há como aquela que descrevemos) é composta por um edifício com salas de aula, com capacidade para um mínimo de 25 e um máximo de 60 alunos, distribuídas por andares, onde os níveis etários vão crescendo da educação pré-escolar (jardim de infância) ao nível terminal do ensino secundário (12.º ano); bibliotecas; sala com televisão e vídeo; pátio de recreio (onde se desenvolvem também as aulas de Educação Física e algumas actividades de índole recreativa e cultural — como ensaios de grupos corais, danças, e outras); salas de professores, instalações para serviços administrativos e de gestão.

Ao nível das actividades extra-curriculares, pelo calendário que nos foi fornecido, pouco mais podemos dizer do que: regulam-se pela calendarização anual chinesa das celebrações tradicionais e por *concursos* a que atrás já nos referimos.

Do contacto com os professores que não ensinam português também pouco se nos oferece dizer pois que, à barreira da diferença linguística, se soma o trabalho a que se devotam nos espaços dos

intervalos, de correcção dos deveres diários dos seus alunos, a fim de poderem produzir avaliações semanais. O ambiente é muito *sui generis* para um professor, como nós, oriundo de um sistema de ensino tão diverso deste, pois que o espaço desta pausa o dedicamos, habitualmente, à troca de impressões e ao convívio desejado e saudável. Aqui, na sala de professores, a ambiência remete-nos um pouco para os romances de F. Kafka, com as secretárias alinhadas umas atrás das outras — impossibilitando à partida o diálogo —, sobre as quais se amontoam resmas de cadernos de exercícios e fichas de trabalho individuais, trazidas a todo o instante por alunos que entram, e já saem da sala, com as respectivas vênias cerimoniais, transportando consigo o fruto do labor *ad eternum* do professor.

Dentro da sala de aula, o espaço que aqui mais nos importa salientar, o método que impera é o tradicional. Baterias de exercícios escritos são realizadas diariamente pelos alunos que, no tempo que lhes sobra, repetem em coro fórmulas ou frases que o professor previamente havia enunciado, através de um microfone, ou em voz suficientemente alta para que o sexagésimo aluno possa acompanhar a lição.

Lição essa, múltiplas, inesperadas e longas vezes, interrompida por vozes amplificadas (através de colunas sonoras colocadas sobre o quadro negro, no interior da sala de aula) que debitam talvez avisos ou resultados de concursos e que, tão bruscamente como começaram, assim se calam, sem que o docente de português possa impedir esta violação do cuidadosamente planificado espaço da aula.

Nas nossas aulas procedemos como sempre o fizemos, isto é, aplicando a metodologia pedagógico-didáctica — na medida do possível e atendendo às condicionantes espaciais (as carteiras nas salas são mutáveis e qualquer alteração à sua disposição tradicional revela-se altamente perturbadora do funcionamento da aula) e temporais (duração de 40 minutos por aula e duas aulas por semana) — que resulta dos mais recentes e idóneos estudos, testados e publicados sobre a matéria, na Europa e nos Estados Unidos da América. Da avaliação da aprendizagem os resultados foram francamente negativos e nunca se conseguiu chegar a consensos pedagógicos dentro da aula. A Psicologia Educacional, sobre a qual nos debruçámos enquanto formandos na área da Educação, que nos propõe atitudes adequadas a situações e comportamentos específicos, não tem aqui, qualquer validade. Talvez nos falte o conhecimento da *Psicologia do Povo Chinês* a que se refere Michael Harris Bond. Neste caso particular, dos comportamentos, rapidamente verificámos o quanto nos encontrávamos desfazados da norma, entrando em situações de contradição, relativamente ao comportamento dos professores chineses. Como experiência pessoal, e a título exemplificativo, expomos como ficámos perplexos pelo facto

de um dia termos apagado o quadro, à entrada na sala, que um outro professor deixara escrito da aula anterior à nossa, e essa nossa atitude provocar uma anormal agitação nos alunos. Viemos a informarmo-nos que não poderíamos repetir este gesto, sob pena de perdermos algumas das prerrogativas inerentes ao nosso estatuto, uma vez que existem alunos incumbidos dessa tarefa. Semelhante situação se gerou, sempre que nos aproximámos de um aluno para um atendimento personalizado, o que provocou distúrbios.

Tendo tentado apresentar a nossa visão e interpretação da forma como se nos coloca o funcionamento de um colégio chinês não será, a esta altura, difícil para os que nos lêem, perceber o que queremos dizer quando afirmamos que o professor de Português, assim como a língua e a cultura que veicula, são um *corpo estranho* no seio desta estrutura.

Numa tentativa de rebater esta afirmação, elaborámos um inquérito (este era de resposta múltipla, anónimo, e tivemos a preocupação de frisar este aspecto junto dos alunos, pedindo, inclusive, a um deles que o recolhesse, para evitar que nós o fizéssemos, e tivéssemos, com esta atitude, uma posição que impossibilitasse a franqueza desejável) a ser distribuído pelos nossos alunos, que visava também percebermos da origem de alguns equívocos e mal-entendidos, e de nos debruçarmos sobre o desinteresse que verificávamos no decorrer das sessões. (Ver mapa n.º 1).

Não tem significado falarmos aqui sobre a representatividade dos resultados obtidos, sobre o rigor científico da elaboração do inquérito ou outros aspectos ligados a precisões, uma vez que a nossa intenção não é, nem nunca foi, a de fazermos estatística.

Passemos então aos resultados: numa amostragem de 71 alunos, com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, integrados em três turmas, duas de nível I — correspondendo à iniciação na língua — e uma de nível II — um ano lectivo ou dois de aprendizagem, a quem foi colocada.

Obtiveram-se as seguintes percentagens nas respostas. (Ver mapa n.º 2):

Atendendo a estas respostas, com clareza admitimos que a tarefa que temos à nossa frente é árdua. É, talvez por isso, chegada a altura para dizer que a metodologia utilizada até agora não é a mais adequada.

Passemos então a propor, alternativamente:

1. Se, na tradição do colégio chinês, o *Ensino* é a vertente dominante, o docente deverá adaptar-se a ela, trabalhar com o colégio no sentido de compreender, se não na íntegra, pelo menos em parte, o espírito que norteia a direcção pedagógica do colégio e empenhar-se no desenvolvimento das capacidades que lhe permitam aproximar-se da forma de pensar chinesa e aproximar a cultura

QUESTIONÁRIO

Este questionário é confidencial, só para o professor.

Não deve escrever o seu nome ou número em qualquer parte desta folha.

Deve responder apenas com uma em cada questão.

1. Porque aprende português?	Porque é obrigado	Porque gosta	Porque quer estudar línguas	
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
2. Considera que o tempo das aulas de português é:	Pouco	Suficiente	Muito	
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
3. Quando fala português?	Em casa	Com amigos	Na escola	
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
4. Para que lhe vai servir o português no futuro?	Para escrever	Para falar	Para conseguir emprego	Para nada
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Qual destas línguas é a mais importante para si?	Português	Inglês	Francês	Japonês
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

portuguesa da chinesa, tanto quanto lhe for possível. Macau é, por excelência, o ponto onde tal convergência se deve verificar. O ideal seria que este Ensino fosse realizado por professores bilíngues, com larga vivência nesta cidade. Haveria assim, à priori, a garantia de uma cumplicidade entre o professor e os aprendentes da língua estrangeira. Umhas pequenas «subversões» nos permitimos: o aumento do tempo lectivo quer em horas, quer em aulas por semana, e a introdução da língua materna para explicitação da gramática, atendendo às grandes diferenças entre as duas línguas e para evitar a utilização (infelizmente largamente difundida) de uma terceira língua;

2. Continuar a trabalhar uma vertente de ensino de uma língua estrangeira como prática de *Ensino – Aprendizagem*, sobrevalorizando a *Aprendizagem*, numa abordagem preferencialmente comunicativa e insistindo nas diferenças metodológicas. As condições ideais resumir-se-iam a um espaço físico, liberto do posicionamento

1. Porque aprende português?	Porque é obrigado 34%	Porque gosta 6%	Porque quer estudar línguas 60%	
2. Considera que o tempo das aulas de português é:	Pouco 24%	Suficiente 42%	Muito 34%	
3. Quando fala português?	Em casa 0%	Com amigos 6%	Na escola 94%	
4. Para que lhe vai servir o português no futuro?	Para escrever 1,4%	Para falar 28,2%	Para conseguir emprego 39,3%	para nada 31,1%
5. Qual destas línguas é a mais importante para si?	Português 5%	Inglês 90%	Francês 0%	Japonês 5%

tradicional das carteiras dos alunos, com possibilidades de mudança, com um horário mais completo. A aula funcionaria talvez como espaço facultativo, onde o professor funcionaria sobretudo como estimulador de situações de comunicação, através de actividades lúdicas e do fornecimento de materiais específicos para os diferentes níveis e para a realidade da aprendizagem de cada estudante. O aluno compreenderia assim, não só as diferenças linguísticas, como também as culturais inerentes a estas, e não só, abrindo-se ao Mundo e preparando-se para a real e necessária abertura que a República Popular da China se encontra a fazer e que se deve iniciar também, e imperativamente, naqueles que serão os adultos do *Período de Transição*.

BIBLIOGRAFIA

- BOND, Michael Harris, *The Psychology of The Chinese People*, Oxford University Press, Hong Kong, 1990.
 GAUTIER, Hélène, *O Ensino de uma Língua Estrangeira*, Editorial Estampa, Lisboa, 1974.